

Revista PsiPro

PsiPro Journal

2(5): 81-97, 2023

ISSN: 2763-8200

# A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO SEXO (*SCIENTIA SEXUALIS*) NOS SÉCULOS XVIII E XIX: A INVENÇÃO DA INTERSEXUALIDADE E DA HOMOSSEXUALIDADE<sup>1</sup>

THE SCIENTIFIC PRODUCTION OF SEX (*SCIENTIA SEXUALIS*) IN THE 18TH AND 19TH CENTURIES: THE INVENTION OF INTERSEXUALITY AND HOMOSEXUALITY

Recebimento do original: 13/09/2023

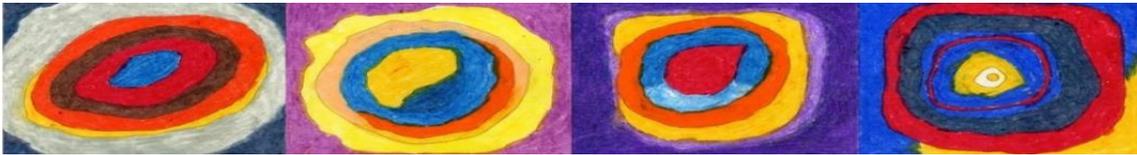
Aceitação para publicação: 04/10/2023

Antoniél dos Santos Gomes Filho

Mestre em Educação (UFC). Pesquisador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia (NepecBio – URCA/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias (G-Pense – UPE/CNPq). Professor da Universidade Regional do Cariri, Campos Sales. Contato eletrônico: [antoniél.historiacomparada@gmail.com](mailto:antoniél.historiacomparada@gmail.com)

**RESUMO:** Diversos estudos tomam como referência os séculos XVIII e XIX como o período que se buscou, com maior ênfase, falar e pensar sobre o fenômeno complexo da sexualidade humana, e como consequência foram criadas e formuladas teorias e métodos para explicar a sexualidade base nas ciências modernas. O objetivo do presente artigo é apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre a produção científica do sexo (*scientia sexualis*) nos séculos XVIII e XIX,

<sup>1</sup> As ideias contidas no presente artigo foram inicialmente publicadas na dissertação intitulada: *Experiências educacionais e sociais de travestis no Ceará: um estudo comparado em Juazeiro do Norte e Canindé*; apresenta ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2017. O autor, informa aos editores da Revista PsiPro (ISSN 2763-8200) e aos leitores/as que as ideias foram revisadas e ampliadas para constituição do presente artigo.



para compreensão da “invenção” da intersexualidade e da homossexualidade. Para alcance do objetivo faz-se uso metodológico da pesquisa bibliográfica. Considera-se que a utilização da terminologia *Scientia Sexualis* faz menção ao período histórico estudado, bem como, a aglutinação de todas as movimentações intelectuais e científicas (teóricas e experimentais) que possibilitaram a ampliação do conhecimento humano sobre a sexualidade, incluindo a “invenção” das nomenclaturas contemporâneas da sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexo. Gênero. Sexualidade. História da Sexualidade. *Scientia Sexualis*.

**ABSTRACT:** A variety of studies refer to the 18th and 19th centuries as the period in which the complex phenomenon of human sexuality was most emphatically discussed and thought about, and as a result, theories and methods for explaining sexuality were created and formulated on the basis of modern science. The aim of this article is to present a bibliographical survey of the scientific production of sex (*scientia sexualis*) in the 18th and 19th centuries, in order to understand the "invention" of intersexuality and homosexuality. In order to achieve the objective, bibliographical research was used. It is considered that the use of the terminology *Scientia Sexualis* refers to the historical period studied, as well as the agglutination of all the intellectual and scientific movements (theoretical and experimental) that made it possible to expand human knowledge about sexuality, including the "invention" of contemporary nomenclatures of sexuality.

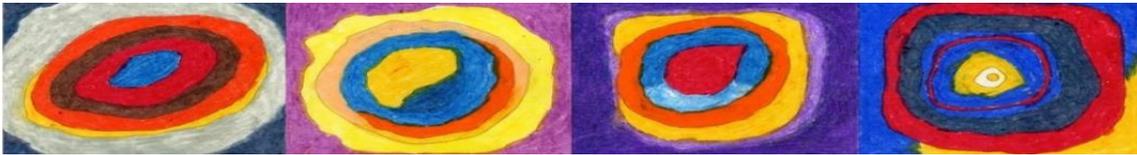
**KEYWORDS:** Sex. Gender. Sexuality. History of Sexuality. *Scientia Sexualis*.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

## INTRODUÇÃO

As expectativas sociais e sexuais embasadas no modelo heterossexual, tais como difundidos nas sociedades ocidentais, em especial no Brasil, possuem uma história. Essa história está

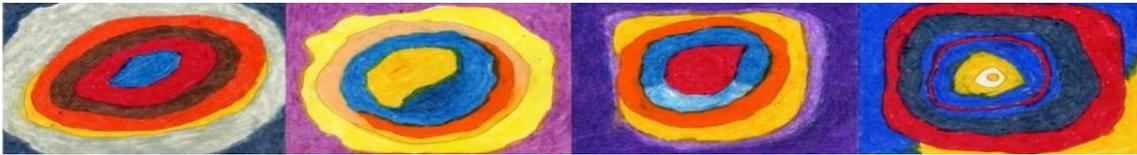


entrelaçada desde a pré-história até uma história moderna. No presente estudo toma-se como referência um recuo temporal de mais ou menos 250 anos atrás, partido da atualidade. É nessa frecha de tempo tão reduzida, quando pensamos a história da humanidade, que as formulações sobre as “verdades” do sexo se instauraram em diversos campos do saber mítico, religioso, social, artístico e científico.

Diversos são os teóricos que tomam como referência o final do século XVIII e o século XIX como o período que se buscou com maior ênfase falar e pensar sobre a sexualidade das pessoas, criando e formulando métodos e teorias explicativas com base nas ciências e se afastando das explicações do míticas e religiosas (PRADO; MACHADO, 2012; FOUCAULT, 2014; WEEKS, 2000; LE BRETON, 2002; HALPERIN, 2000; LAQUEUR, 1990; LEITE JÚNIOR, 2008; FONE, 2000).

Como guisa de introdução ao tema, parte-se dos escritos de Halperin (2000, p. 21), para realizar uma distinção entre sexo e sexualidade, como diz o autor: *"el sexo no tiene historia. Es un hecho natural, fundado en el funcionamiento del cuerpo, y como tal queda por fuera de la historia y de la cultura. La sexualidad, por el contrario, no se refiere propiamente a algún aspecto o atributo de los cuerpos"*.

Como visto, pode-se dizer que a história da humanidade é a própria história do sexo, pensado em seus aspectos biológicos e anatômicos, uma vez que, está inscrito/impregnado no corpo humano como parte de sua constituição evolutiva. A sexualidade por sua vez, comporta esses aspectos biológico, todavia, expande-se para o campo da cultura, portanto a sexualidade possui uma produção histórica e social. Furlani (2009), aponta que a sexualidade se constitui do entrelaçamento do sexo biológico + orientação sexual + prática sexual + identidade de gênero, onde este conjunto pode ser pensado sob um viés sociocultural, científico e discursivo-normativo.

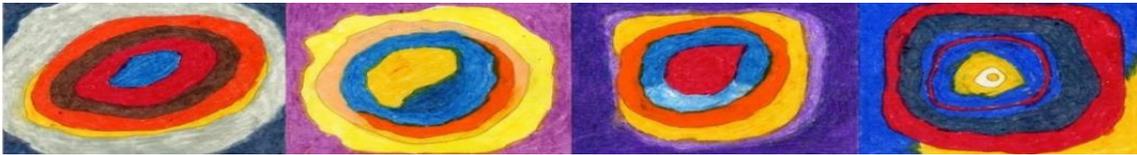


Partindo desta contextualização inicial, o presente estudo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: como surgiu ideias sobre a intersexualidade e a homossexualidade na história moderna e contemporânea? Partindo desta indagação o objetivo do manuscrito é apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre a produção científica do sexo (*scientia sexualis*) nos séculos XVIII e XIX, para compreensão da “invenção” da intersexualidade e da homossexualidade. Para alcance do objetivo faz-se uso metodológico da pesquisa bibliográfica, que de acordo com Garcia (2016) é o tipo de pesquisa que tem como escopo os trabalhos que já foram publicados sobre o tema estudado, com vistas na contribuição de novas teorias e hipóteses sobre o assunto. Para este artigo foram selecionados textos (livros e artigos) considerados clássicos nos estudos de gênero e sexualidade, e produções mais recentes sobre o tema, possibilitando contribuir com uma atualização da temática.

### ***A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO SEXO (SCIENTIA SEXUALIS) NO SÉCULO XVIII E XIX: A INVENÇÃO DA INTERSEXUALIDADE E DA HOMOSSEXUALIDADE***

Quando se busca fazer uma história da homossexualidade, depara-se com a questão “natureza vs. cultura”, ou seja, os modelos explicativos são inseridos no campo biológico, ou no campo da cultura, tais explicações são simplista frente a complexidade do assunto (NAPHY, 2006).

Segundo Naphy (2006, p. 12) “[...] a maioria dos argumentos a favor da natureza ou da cultura pressupõe a existência de um tipo normativo de prática sexual (atração pelo sexo oposto) e que seja encontrada uma <<explicação>> para o <<desvio>> a essa norma.”. Se na contemporaneidade ainda se pressupõe um estado de

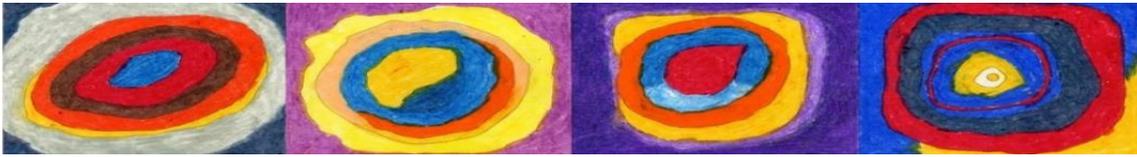


normalidade, mesmo com uma série de argumentações contárias, advindas de diversos campos do conhecimento político-social, nos séculos XVIII e XIX buscava-se compreender e formular o que era considerado o corpo normal, o sexo normal, a prática sexual normal, porém sempre num movimento que: ora apoia-se no campo natural, ora apoia-se no campo cultural, não chegando a um consenso, entre “natureza vs. cultura”.

As concepções de corpo, sexo e gênero até fins do século XVIII estavam ligadas ao que Laqueur (1990) denomina de isomorfismo. Ou seja, as formulações oriundas das sociedades romanas de que homens e mulheres possuíam o mesmo corpo, sendo o corpo do homem mais desenvolvido, e a mulher por falta de “calor vital” não teria desenvolvido seu corpo por completo.

A ideia de um corpo isomórfico, possuidor de apenas um sexo, que é o macho/masculino, surge do Mito do Andrógino em Platão (MENEZES, 2018), e do mito judaico-cristão de um Adão que é masculino e feminino das interpretações rabínicas (LARAIA, 1997), vigorou praticamente até o século XVIII. Esses mitos irão suscitar uma série de explicações, principalmente no campo religioso, no que diz respeito aquelas pessoas que apresentam algum tipo de ambiguidade sexual, sendo todo esse contexto fundamental para que no século XIX a ciência, em especial a medicina, criasse o “[...] pseudo-hermafrodita [como] uma nova entidade conceitual, filho legítimo da então nascente ciência sexual [...]” (LEITE JÚNIOR, 2008, p. 51).

O pseudo-hermafrodita de acordo com Leite Júnior (2008) é o “grade pai – e mãe” das pessoas transgêneros na contemporaneidade. Se, em momentos anteriores da história, o hermafrodita estava sob a égide mítico-religiosa, que inserias essas pessoas socialmente numa áurea de fascínio e a admiração por conta de sua completude sexual,



conforme a proposta platônica de um mundo ideal, com a inserção da perspectiva judaico-cristã nas sociedades ocidentais (metrópoles e colônias) o hermafrodita é inserido numa nova narrativa, que versa sobre a materialização do pecado no corpo como um castigo divino, logo, o corpo monstruoso é um aviso de Deus (LEITE JÚNIOR, 2008; FAUSTO-STERLING, 2006).

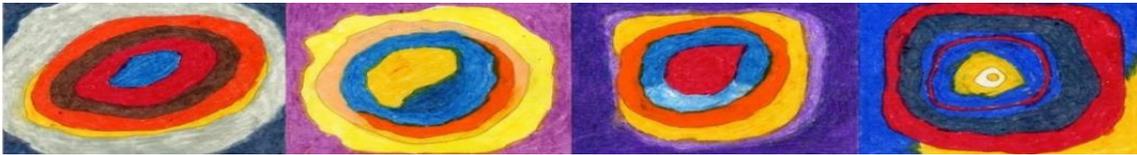
Conforme Foucault (2001) a concepção de anomalia que se desenvolveu entre os séculos XVIII e XIX, que inclui pseudo-hermafrodita, os homossexuais e outras anomalias corporais e sexuais que foram “inventadas” pela medicina, biologia e ciências-psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise) têm origem na formulação de três indivíduos sociais emergentes no período. Nas palavras do filósofo: “acho que podemos dizer que para situar essa espécie de arqueologia da anomalia, que o anormal do século XIX é um descendente de três indivíduos, que são o monstro, o incorrigível e o masturbador” (FOUCAULT, 2001, p. 75).

A partir de Foucault (2001) pode-se perceber que as formulações no século XIX em torno das anomalias, em especial as anomalias sexuais, estão inter-relacionadas ao:

(01) mostro humano: que é uma noção jurídica, pois esses indivíduos violam as leis sociais, da natureza, e as leis divinas;

(02) ao incorrigível: sujeito anormal que deve ser corrigido. A grande maioria dos anormais estão na sociedade, sendo um fenômeno recorrente, exigindo que se tenha todo um sistema de apoio a esses anormais; solicita-se aí a família, a escola, a igreja, a polícia, e outras instituições sociais como meios possíveis de correção;

(03) o masturbador, ou melhor a “criança masturbadora”: a masturbação é “[...] o segredo universal, o segredo compartilhado por todo mundo, mas que ninguém comunica.” (FOUCAULT, 2001, p. 74).

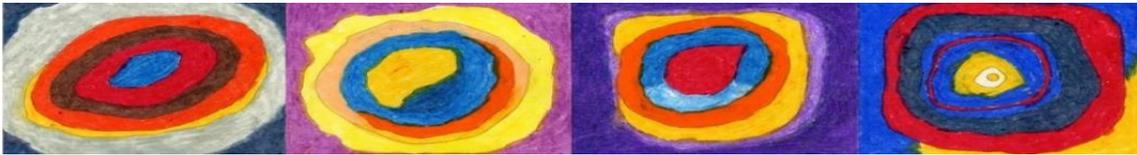


É necessário corrigir a masturbação, mas, diferente do indivíduo incorrigível, que tem seu sistema de correção ampliado, na masturbação esse espaço de correção fica restrito, assim, “[...] é o quarto, a cama, o corpo, são os pais, os tomadores de conta imediatos, os irmãos e as irmãs, é o médico – toda uma espécie de microcélula em torno do indivíduo e do seu corpo.” (FOUCAULT, 2001, p. 74), e, tais formulações inseridas nas práticas pedagógicas setecentistas e oitocentistas.

Frente a essa arqueologia proposta por Foucault (2001), juntamente com os estudos de Laqueur (1990) e Leite Junior (2008), pode-se apresentar como se organizava historicamente a noção científica e social de sexo e gênero no período setecentista, uma vez que, no período oitocentista, haverá uma mudança de paradigma.

O corpo até o século XVIII era considerado como isomórfico, ou seja, possuía apenas o sexo masculino. O homem seria o perfeito desenvolvimento da natureza e a mulher menos perfeita. Essa ideia se reverberava na sociedade ocidental europeia e nas colônias. Não se pode esquecer que o iluminismo rompe com o teocentrismo, instaurando o antropocentrismo, que vai ser fundamental para os estudos em anatomia humana, pois dessacralizou o corpo humano, logo a ciência estava posta para dizer a verdade do corpo humano, inclusive por dentro.

*“El sexo tal como lo conocemos fue inventado en el siglo XVIII. Los órganos de la reproducción pasaron a ser lugares paradigmáticos que manifestaban la jerarquía, ressonante en todo el cosmos, por ser el fundamento de la diferencia inconmensurable.”* (LAQUEUR, 1990, p. 258). Como claramente aponta Laqueur (1990), a mudança de paradigma corporal de único sexo inicia sua modificação ainda no século XVIII e consolida-se no século XIX. Esse processo se dá por



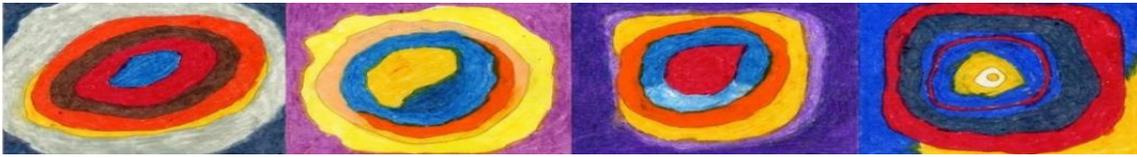
conta dos estudos da medicina no campo da anatomia humana, e por conta das mudanças no campo social e cultural.

O período setecentista, é o momento em que os estudos em anatomia humana vão apresentar os estudos iniciais de diferenciação corporal entre homens e mulheres, e os órgãos reprodutores vão ganhar importância para diferenciar o homem da mulher, e aqueles que não são nem um, nem o outro. Em todo este jogo de “invenções” escreve o historiador: “[...] *se inventaron los dos sexos como nuevo fundamento para el género.*” (LAQUEUR, 1990, p. 259).

Até o momento em que o modelo isomórfico de diferenciação sexual esteve presente na sociedade, a ideia de gênero não esteve voltada para os órgãos sexuais reprodutores (pênis e vagina), importava nesse momento como se dava a divisão dos papéis sexuais e as convenções adotadas.

O corpo era entendido como apenas masculino, ou seja, esse corpo é “[...] *estable, ahistórico, sexuado – es el fundamento epistemológico [de la biología] de las afirmaciones normativas sobre el orden social.*” (LAQUEUR, 1990, p. 24). Portanto, o corpo do homem se desenvolve biologicamente por completo, estando numa ordem natural superior, sendo o campo cultural e social de mesmo ordenamento. Assim, as definições de gênero – homem e mulher – não estavam ligados ao corpo biologicamente diferenciado, mas à organização cultural e social.

Sexo e gênero quando estavam vinculados a um modelo isomórfico de diferenciação sexual dava base para explicações sociais partindo da biologia. As divisões sexuais eram extensões das formulações biológicas, todos eram a priori homens completos e que não se desenvolveram (no caso as mulheres), ser inserido na sociedade



implicava, portanto, assumir um papel sexual que não partia da diferença biológica o órgão sexual (pênis ou vagina).

Assumir um determinado papel sexual no período estudado não estava no campo da escolha individual, as convenções sociais impostas nesse influenciavam tal escolha. Não é incomum, nesse período ver muitos relatos históricos de mulheres que assumiram o papel social de homens, sendo seu disfarce muitas vezes descoberto apenas após sua morte, o contrário também existia<sup>2</sup>, como é o caso clássico da francesa Joana D'Arc (AQUINO, 2008).

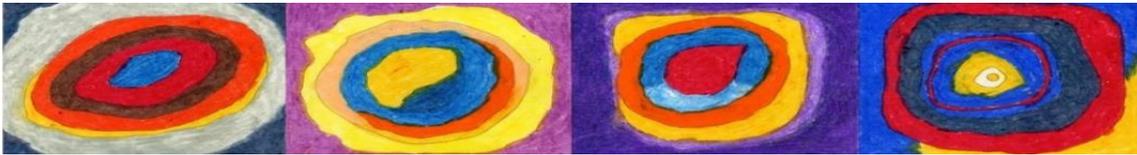
A invenção de dois sexos, tendo como fundamento principal os órgãos reprodutores modificariam todo um modelo de sexo e de gênero na sociedade ocidental. Se os papéis sexuais estavam suscetíveis a convenções sociais, e a pessoa poderia viver como homem ou mulher "as escondidas", com o dismorfismo sexual estes papéis estão impregnados no corpo a partir de ter um pênis ou uma vagina.

Este processo que envolve uma nova política de sexo e do gênero (enquanto papéis sociais) também foi ressaltada por Leite Júnior (2008). Segundo o cientista social, os travestismos eram comuns socialmente em dois momentos: nas festas das mascaradas e no teatro.

As festas realizadas nas metrópoles e colônias eram consideradas momentos permissivos de inversão no campo das vestimentas. Vestir-se de uma determinada forma era e é considerado como um signo de diferenciação do gênero; e, no teatro o travestimento dos atores homens em mulheres foi algo comum até o século XVII, século em que as mulheres começaram a trabalhar no teatro. Fora desses momentos,

---

<sup>2</sup> Sobre mulheres que se travestiam e/ou disfarçavam de homens nos séculos XVIII e XIX ver filme intitulado: Albert Nobbs, produzido pela Irlanda e pelo Reino Unido, dirigido por Rodrigo García. Para maiores informações acessar: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Albert\\_Nobbs](https://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Nobbs) >.



travestir-se fora dos padrões implicava para as mulheres se travestiam de homens uma penalidade que não se enquadrava como desvio sexual, e sim, como uma transgressão da ordem social da diferença de gênero, por adquirir os mesmos direitos e privilégios que era destinados aos homens. Já, aos homens que se travestiam de mulher, a penalidade a pesar era a acusação de desregramento e desvio sexual (LEITE JÚNIOR, 2008).

O travestismo masculino no século XVIII era “insuportável”, já que não era compreensível socialmente a ideia de que um homem pudesse abdicar de toda sua perfeição e hierarquia natural e social, e fazer um retorno ao feminino, que era menos perfeito, e socialmente não gozava de tantos direitos e privilégios.

A ambiguidade sexual, presente no século XVIII e relacionada ao campo social, vai ser pensada no século XIX de outro modo, ou seja, haverá, como já mencionado uma mudança de paradigma, o que antes era UM (mais ou menos perfeito), agora é DOIS (separados e distintos), logo, dismórfico.

Desse modo, os olhares médicos (psiquiatras e sexólogos), biológicos, psicológicos não vão mais tatear explicações mítico-religiosas, para aqueles indivíduos que apresentam tanto um pênis, uma vagina, ou uma ambiguidade entre estes dois órgãos identificadores, do masculino e do feminino, é preciso adequar tudo, estando nas mãos destes cientistas, “concertar os erros da natureza física e psíquica”.

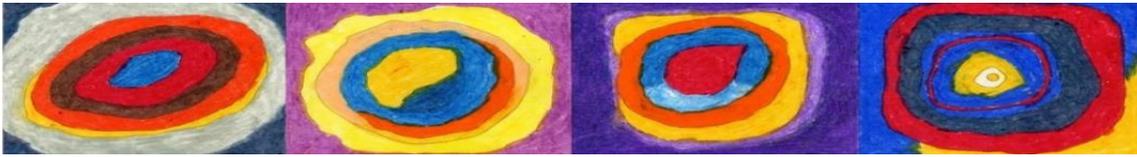
O paradigma da dismorfia sexual vai ser responsável por produzir e inserir um pensamento dualista no campo científico e social, como aponta Fausto-Sterling (2006). Pode-se observar que entre os pesquisadores/as contemporâneos que se debruçam em estudar as questões de gênero e sexualidade nos séculos XVIII e XIX, há uma



concordância em dizer que a pergunta que norteava os pesquisados do período setecentista, principalmente do oitocentista era: “Qual é o verdadeiro sexo do indivíduo?”.

A resposta dada para essa pergunta não tem mais nas formas de diferenciação convencionadas socialmente sua referência. O verdadeiro sexo, nos termos foucaultianos, vai ter como referência os órgãos genitais. Entra em jogo a materialidade biológica do corpo. O pênis definirá o masculino, e a vagina definirá o feminino, sendo que os olhares biológicos, médicos, psiquiatras, psicológicos, e educacionais em relação aos hermafroditas estavam voltados para buscar o sexo que prevalece, para que possa haver uma correção, e diante desta correção a inserção do indivíduo na sociedade, como homem (pênis) e mulher (vagina).

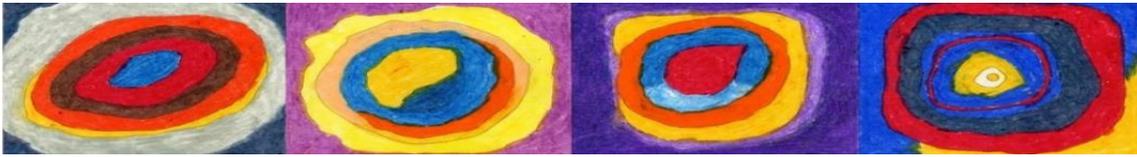
No século XIX a ciência vai ganhar um status discursivo de verdade, sendo a medicina a ciência que vai ter o “poder” de dizer qual é o verdadeiro homem e qual a verdadeira mulher. O médico é a figura responsável pela mediação dos postulados científicos para o sexo, no cotidiano, já que uma nova ordem social vinha se consolidar neste século, o que Foucault chamou de biopoder, ou seja, “[...] a capacidade do soberano de não mais causar a morte, mas a de gerenciar e garantir a vida.” (LEITE JÚNIOR, 2008, p. 56). É nesse gerenciamento da vida que as “[...] identidades serão construídas, ideias e comportamentos serão naturalizados e/ou patologizados, desejos serão cientificamente classificados e politicamente hierarquizados, e a busca pelo “verdadeiro sexo” terá um lugar de destaque na formação desta nova maneira de pensar, lidar, sentir, organizar, vivenciar ou mesmo discutir o sexo: a chamada sexualidade” (LEITE JÚNIOR, 2008., p. 57). O modelo do dimorfismo sexual acompanha as formulações científicas da época, que tratavam da universalização do discurso. Ou seja, a produção



discursiva da - *Scientia Sexualis* - ciência sexual é universal, sendo assim “[...] capaz de regular os papéis e comportamentos sexuais, ocultando seu comprometimento ideológico com os valores morais de uma classe dominante.” (PRADO; MACHADO, 2012, p. 37).

Sobre esse contexto produtivo intelectual e de pesquisa, Foucault (2014), em: *História da Sexualidade: a vontade de saber*, propõe formulações sobre o discurso da sexualidade de modo mais conectivo e inter-relacionado socialmente, Laqueur (1990) em: *La construcción del sexo: Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*, aponta que muitas das formulações no campo da diferenciação sexual por parte das ciências médicas não necessariamente estavam voltadas às questões de cunho social. Os olhares médicos estavam voltados para as descobertas sobre o corpo, e não como tais descobertas impactariam a sociedade. É nesta mescla, entre a produção científica em conexão com a realidade social, e da produção científica para a própria ciência, que vai se criar e legitimar um modo discursivo de sexualidade normal, ou seja, a hetero-sexual. “A distinção regulatória que se estabeleceu entre heterossexuais e homossexuais se erigiu colocando a heterossexualidade burguesa como “natural”, como única experiência identitária capaz de expressar o desejo humano de forma saudável e correta” (PRADO; MACHADO, 2012, p. 37-38).

Os intersexuais também adentram nesse rol heterossexual, já que após a determinação do “verdadeiro sexo” pelos médicos, o indivíduo teria que seguir essa regulação que ligaria, seu sexo biológico, referenciado a partir dos seus órgãos reprodutores, a uma identidade socialmente correspondente aceita para esse órgão, bem como a prática sexual que esse órgão desempenharia no intercuro das relações sexuais. Vemos, portanto, o que poderia se denominar de: *gênese da inteligibilidade contemporânea da sexualidade*.

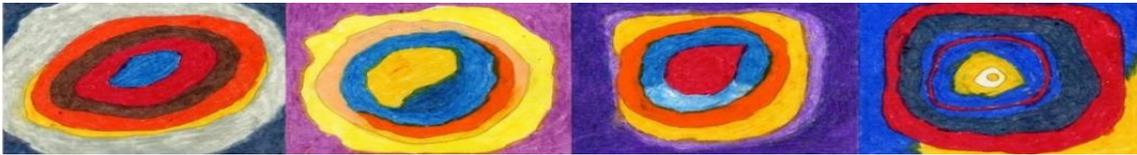


Para Weeks (2000), a invenção e institucionalização social da heterossexualidade, é paralela à invenção da homossexualidade. Todo esse conjunto de saberes em torno da sexualidade, em fins do século XIX vai se consolidar como uma disciplina específica sobre o sexo e a sexualidade: a sexologia, que vai observar os fenômenos da sexualidade como naturais, como diz Krafft-Ebing (1931, p. 1 apud WEEKS, 2000, p. 25), o pioneiro da sexologia, que descreveu o sexo como um “[...] instinto natural [...] com uma força e energia absolutamente avassaladoras, exige satisfação.”. Deste modo, Weeks (2000, p. 26) aponta que nestas formulações “[...] há uma ênfase no sexo como um “instinto”, expressando as necessidades fundamentais do corpo. Isso reflete uma preocupação pós-darwiniana do final do século XIX, em explicar os fenômenos humanos em termos de forças identificáveis, internas biológicas.”.

No final do século XIX, pode-se observar uma notória preocupação taxonômica daqueles considerados anormais, em especial no campo da sexualidade e das práticas sexuais “desviadas”. Terminologias são criadas para dar conta de uma universalidade sexual, principalmente no que diz respeito às práticas sexuais que não sejam para fins de procriação e inseridas num padrão heterossexual.

É nessa variedade discursiva, que engloba os discursos médicos e das ciências-psi, juntamente com os discursos moralistas da burguesia emergente que as denominações heterossexual (bom, normal, saudável) e homossexual (mau, anormal, patológico/doente) vão adentrar no/a “EU/IDENTIDADE” dos indivíduos, em primeira pessoa: “eu sou heterossexual”, “eu não sou homossexual”...

Mesmo diante de ideias negativas sobre a homossexualidade no séc. XIX, Karl Kerbeny aponta a homossexualidade como algo benigno, como sendo apenas uma variante da sexualidade humana, sendo

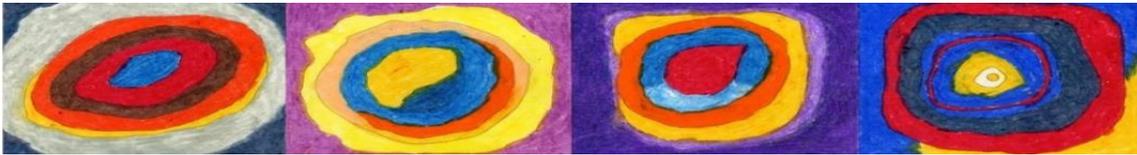


assim, a legislação alemã (seu país de origem) do período deveria revogar as leis anti-sodomitas, essas movimentações sociais foram o embrião dos movimentos LGBTQIAP+ no século XX (WEEKS, 2000).

Todavia, esse olhar benigno sobre a homossexualidade apresentada por Karl Kerbeny não vigoraria socialmente, uma vez que a sexologia enquanto discurso científico elaboraria a norma médico-moral, ou seja, institucionalizaria a heterossexualidade como norma sócio-científico-moral.

Ao definir o "sentimento sexual contrário", ou a existência de um terceiro gênero (ou um gênero intermediário) Richard von Krafft-Ebing, Magnus Hirschfeld, Havelock Ellis e outros estavam tentando assinalar a descoberta ou o reconhecimento de um tipo distinto de pessoa, cuja essência sexual era significante diferente daquela do/da "heterossexual" – uma categoria que foi inventada, como vimos, na mesma época. [...] esses autores estavam tentando descrever e explicar indivíduos que encontravam através dos tribunais, de suas práticas médicas, de seus amigos ou nas suas vidas pessoais [...] esse novo zelo organizador e definidor, ao redor do final do século XIX, constituiu uma mudança significativa na definição pública e privada da homossexualidade quando a emergência de uma política gay e lésbica aberta e desafiadora nas cidades americanas, em fins dos anos 1960 e início dos anos 1970. Ambas representavam uma transformação crítica do que significava ser homossexual. Elas simbolizavam rupturas cruciais nos significados dados a diferença sexual (WEEKS, 2000, p. 46).

Por fim, Weeks (2000) nos apresenta a emergência de falar, de pensar, de descrever os homossexuais em diversas instâncias sociais, sendo que estes processos de fala, pensamento e descrição por um lado foram tomados pelas ciências médicas e psi, transformando-se em uma ciência própria do sexo, a sexologia que formulou e "presenteou" a sociedade com um modo de divisão que adentra na carne, do/a



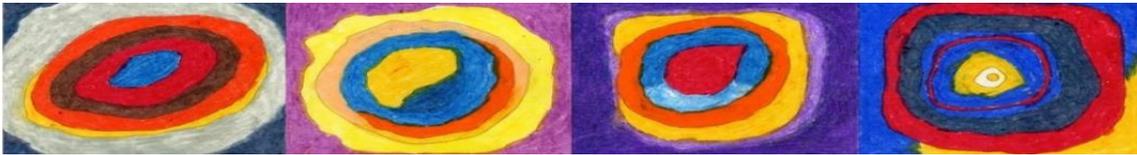
eu/identidade individual e que rege toda a vida. Por outro lado, essas emergências fizeram emergir os homossexuais recém inventados, e suas práticas homossexuais/homoafetivas presentes desde os primórdios da humanidade, e seus modos de (sobre)viver, organizados em subculturas, como as encontradas em Londres, Berlim e Paris no período referido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo dos conhecimentos historiográficos, buscou-se neste estudo, apresentar os contextos socioculturais dos séculos XVIII e XIX que possibilitaram as ciências modernas (biologia, medicina, psicologia, psicanálise, sociologia e antropologia) construir teorias e modelos de explicação para o complexo fenômeno da sexualidade humana, deslocando-se de explicações mítico/religiosas.

A utilização da terminologia *Scientia Sexualis* faz menção ao período histórico estudado, bem como, a aglutinação de todas as movimentações intelectuais e científicas (teóricas e experimentais) que possibilitaram a ampliação do conhecimento humano sobre a sexualidade, incluindo a “invenção” das nomenclaturas contemporâneas da sexualidade.

A história da sexualidade humana envolve questões socioculturais que estão inseridas em processos de continuidade e ruptura. Assim, é possível notar na atualidade, que formulações pensadas, criadas e aceitas cientificamente nos séculos XVIII e XIX ainda se fazem presentes, enquanto outras formulações, em especial, as correlacionadas as ideias de patologias das homossexualidades e transexualidade passaram por rupturas e mudanças sociais significativas, que mudaram o pensamento científico e a sociedade.



Exemplo importante de menção foi a retirada da Homossexualidade (1990) e da Transexualidade (2018) da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionadas a Saúde – (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS), mostrando assim, que as vivências e experiências de pessoas LGBTQIAP+ não podem ser classificadas como patologias físicas e mentais/psíquicas.

Por fim, considera-se que os estudos históricos e socioculturais sobre a sexualidade humana são fundamentais para compreender as dinâmicas de circulação das ideias científicas em torno deste complexo fenômeno.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, E. D. Catolicismo popular através da representação mística/mítica de Joana D'arc. **Anais do XIII Encontro Estadual de História** - Guarabira, PB, 2008.

FAUSTO-STERLING, A. **Cuerpos sexuados**: la política de género y la construcción de la sexualidad. Barcelona-EP: Melusina, 2006.

FONE, B. **Homofobia**: una historia. Océano de México, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FURLANI, G. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GARCIA, E. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. **Línguas & Letras**, v. 17, n. 35, 2016.



HALPERIN, D. ¿Hay una historia de la sexualidad? In: GIORDANO, R.; GRAHAM, G. (Orgs.). **Grafías de Eros**. Buenos Aires: Ediciones de la école lacanienne de psychanalyse - Edelp, 2000.

LAQUEUR, T. **La construcción del sexo**: Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud. Ediciones Cátedra, Universidad de Valência / Instituto de la Mujer. Madrid, 1990. (Colección Feminismos).

LARAIA, R. B. Jardim do Éden revisitado. **Revista de Antropologia**, v. 40, p. 149-164, 1997.

LE BRETON, D. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LEITE JÚNIOR, J. **“NOSSOS CORPOS TAMBÉM MUDAM”**: SEXO, GÊNERO EA INVENÇÃO DAS CATEGORIAS “TRAVESTI” E “TRANSEXUAL” NO DISCURSO CIENTÍFICO. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MENEZES, L. M. B. R. O mito do andrógino no banquete de Platão. **Revista Hélade**, v. 4, n. 3, p. 170-181, 2018.

NANPHY, W. **BORN TO BE GAY**: HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.